

VYGOTSKY: VIDA, OBRA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO POR MEIO DO DIÁLOGO

Alice Rosane Brum Severo¹
Caroline Becker²

Resumo: O presente trabalho propõe-se a apresentar as relevantes contribuições de um dos maiores pensadores do século XX, reconhecido em diversos campos científicos e com destaque especial nas áreas da educação e da psicologia: Lev Semenovitch Vygotsky. Com base no capítulo Lev S. Vygotsky (1896–1934) – dialogue as mediation and inner speech do livro *Philosophy, Dialogue, and Education: Nine Modern European Philosophers*, escrito por Guilherme e Morgan (2018), são apresentados aspectos da biografia do teórico, suas contribuições acerca da Filosofia e mais especificamente suas contribuições na área da educação por meio do diálogo. A obra de Guilherme e Morgan (2018) foi escolhida não somente por sua relevância na temática da filosofia e educação, mas também pela grata oportunidade em poder discutir pessoalmente as perspectivas apresentadas no livro com um dos autores da obra, Alexandre Guilherme (Professor do PPGEdu e PPGPsi da PUCRS), o que entendemos como uma oportunidade ímpar. Segundo Guilherme e Morgan (2018), para Vygotsky o desenvolvimento natural está associado ao desenvolvimento social, já que as funções primárias, tais como atenção, memória e percepção, bem como as funções superiores, dependem da interação do sujeito com os elementos sociais e culturais. Deste modo, o pensador assume a ideia de que funções mentais e/ou psicológicas superiores se originam da interação entre os fatores biológicos e os fatores culturais. Sendo assim, o contexto social serve de estímulo, ou não, para o desenvolvimento de ferramentas e códigos necessários para as relações que se estabelecem na vida em sociedade. Para Vygotsky, a atividade do indivíduo não é um reflexo, nem uma resposta, tal como compreendido por Pavlov, mas sim um fator transformador do ambiente e da psique. Portanto, o ensino e a aprendizagem devem capacitar os alunos a realizarem a tarefa que eles não teriam conseguido administrar sozinhos; ter como objetivo levar o aprendiz a um estado de competência que lhes permita, por fim, concluir essa tarefa por conta própria; ser seguido por evidências de que os alunos alcançaram algum nível maior de competência independente como resultado da experiência de níveis. Essa caracterização dos níveis nos ajuda a entender melhor a ZDP de Vygotsky e demonstra a importância do diálogo, tanto externo (ou seja, com os outros) quanto interno (isto é, fala interior, consigo mesmo), para o sucesso do ensino e da aprendizagem e, conseqüentemente, para a transformação do indivíduo e da sociedade.

¹ Mestranda em Educação no PPGEdu da PUCRS. Pedagoga com habilitação em Educação Infantil. Especialista em Supervisão Escolar e Letramento. E-mail: alice.rbs@gmail.com

² Doutora e Mestre em Educação - PUCRS. Pedagoga Empresarial e Orientadora Educacional. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Especialista em Neurocognição e Aprendizagem. E-mail: carolbeckerr@gmail.com

Palavras-Chave: Sóciointeracionismo, Psicologia, Educação.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o capítulo três do livro *Philosophy, Dialogue, and Education: Nine Modern European Philosophers*, intitulado *Lev S. Vygotsky (1896–1934) – dialogue as mediation and inner speech* escrito por Guilherme e Morgan (2018). Alexandre Guilherme é professor adjunto da Faculdade de Humanidades do Departamento de Educação, professor e pesquisador do PPGEdU e PPGPsi da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente coordena o Grupo de Pesquisa em Educação e Violência da mesma instituição de ensino. W. John Morgan é professor emérito e ex-presidente da UNESCO da Economia Política da Educação, Escola de Educação da Universidade de Nottingham. Ele também é professor honorário da Faculdade de Ciências Sociais e do Leverhulme Emeritus Fellow no Instituto de Pesquisa Social e Econômica, Dados e Métodos do País de Gales, da Universidade de Cardiff.

Os referidos autores apresentam no capítulo, o qual fundamenta este trabalho, a vida, a obra e a interlocução da teoria vygotskyana com a educação. Reconhecido em diversos campos científicos e com destaque especial nas áreas da educação e da psicologia, Lev Semenovitch Vygotsky, enquanto psicólogo, proponente da Psicologia cultural-histórica, foi pioneiro no conceito de que o desenvolvimento intelectual ocorre em função das interações sociais e culturais e um dos mais importantes teóricos do século XX. Destaca-se que a obra é analisada pelos autores à luz da sua contribuição pela perspectiva do diálogo.

Deste modo, o pensador assume a ideia de que funções mentais e/ou psicológicas superiores se originam da interação entre fatores biológicos e os fatores culturais. Sendo assim, o contexto social serve de estímulo, ou não, para o desenvolvimento de ferramentas e códigos necessários para as relações que se estabelecem na vida em sociedade.

2. VIDA E CARREIRA DE VYGOTSKY

Vygotsky nasceu em Orsha, na Rússia dos primeiros anos da revolução bolchevique, na cidade da Bielorrússia, em novembro de 1896. Pertencente a uma família judia russa, com alto poder aquisitivo, aos 17 anos Vygotsky completou o Ensino Médio e em 1913 ingressou na Universidade de Moscou, espaço no qual transitou por diversas áreas, tais como medicina e leis. No ano de 1917, graduou-se em Direito e já, no período compreendido entre 1918 e 1922, tornou-se professor e chefe do laboratório de Psicologia, onde passou a ser reconhecido como psicólogo acadêmico. No laboratório, era responsável tanto por ensinar aos alunos as técnicas de avaliação psicológica, quanto por supervisionar essas avaliações nas escolas.

Para Vygotsky, o ano de 1924 foi um divisor de águas, por ter sido o período em que retornou a Moscou para trabalhar no Instituto Estadual de Psicologia. Na sequência deste retorno, Alexander Luria e Alexei Leontiev juntaram-se a Vygotsky no trabalho no Instituto, o que rendeu grande produção científica na área da Psicologia. Este encontro de pensadores passou a ser conhecido como *troika*. Já em 1926, Vygotsky organizou uma espécie de um Laboratório Médico Pedagógico com o objetivo de realizar estudos com crianças anormais – expressão utilizada naquele período para designar pessoas com deficiência. Com a expansão do laboratório no ano de 1929, o espaço passou a ser chamado de Instituto de Pedagogia Corretiva em Moscou.

Considerando o período de retorno do Vygotsky a Moscou até a sua morte, é possível afirmar, segundo os autores, que a trajetória do pensador pode ser dividida em três fases: na primeira fase Vygotsky foi hospitalizado com tuberculose e apresentava interesse de pesquisa por defectologia e por formação de conceitos; na segunda fase (1927-1931) Vygotsky firmou a parceria com Lúria e consolidou seu trabalho, expandindo-o com a colaboração de um círculo externo de profissionais, com foco em tópicos distintos, de modo que estabeleceu uma rede mais ampla de psicólogos germano-americanos e, nessa fase, suas pesquisas giravam em torno do estudo infantil, da defectologia e dos estudos clínicos e médicos; na terceira fase ocorreu o início da especialização, mas também da separação de Vygotsky e Lúria. Foi um período de extrema produção científica e de contribuições inegavelmente importantes, pois foi quando eles fundaram a Escola de Psicologia Kharkov e três centros de pesquisa, os quais se comunicavam e colaboravam constantemente na

produção científica. Apresentada a biografia de Vygotsky, os autores Guilherme e Morgan (2018) pontuam a perspectiva de Vygotsky em relação à importância de sua teoria. Para eles, ainda que Piaget e Vygotsky tenham nascido no mesmo ano – 1886 – e assemelhem-se por apresentarem surpreendente trajetória na construção de notáveis teorias do desenvolvimento mental, as teorias são distintas.

Cabe ressaltar que não se tratam de perspectivas antagônicas, mas sim de pontos de vista analisados por perspectivas distintas: enquanto Piaget apresenta uma teoria com ênfase no aspecto biológico, Vygotsky estrutura sua teoria com ênfase na contribuição da cultura, da integração cultural e da dimensão histórica, com forte influência marxista, entendida como uma teoria da atividade humana colocada em oposição ao naturalismo e à receptividade passiva da tradição empirista. Cabe ressaltar que Vygotsky também foi influenciado por Ivan Pavlov, em quem buscou referências na Psicofisiologia Pavloviana, quando passou a acreditar que a formação de reflexos condicionais não poderia explicar completamente o desenvolvimento dos processos mentais superiores (fala, resolução de problemas...).

Segundo Guilherme e Morgan (2018), a situação socioeconômica e política da Rússia pós-revolucionária foi muito difícil. A Primeira Guerra Mundial, a Guerra Civil, a fome e a repressão política afetaram a sociedade russa. Milhões de crianças ficaram desabrigadas, perambulando pelas ruas, implorando, roubando e vendendo sexo, simplesmente para sobreviver. Além disso, o país apresentava níveis significativos de analfabetismo, com diferenças culturais acentuadas entre os diversos povos do país. Isso se somava ao estado já precário de um sistema educacional que pouco fazia em termos de lidar com dificuldades de aprendizagem e questões relacionadas à situação que vivia. Isso levou Vygotsky a se interessar por crianças, particularmente aquelas com necessidades educacionais especiais, conduzindo trabalhos para a Seção de Crianças Anormais do Comissariado da Educação do Povo. Em 1926, Vygotsky organizou um Laboratório Médico-Pedagógico para o Estudo de Crianças Anormais. Em 1929 este laboratório foi expandido para se tornar o Instituto Experimental de Defectologia - atualmente o Instituto de Pedagogia Corretiva em Moscou.

Em 1934, Vygotsky organizou um novo departamento de psicologia no Instituto de Medicina Experimental de Todos os Sindicatos (VIEM) em Leningrado. Foi modelado, provavelmente, no departamento de psicologia da Academia Psiquiátrica Ucraniana (UPNA) em Kharkov e pretendia incluir outros pesquisadores soviéticos. No entanto, em 9 de maio de 1934, Vygotsky sofreu uma grave hemorragia na garganta e morreu em 11 de junho. Ele era casado com Rosa Noevna Smekhova e eles tiveram duas filhas: Gita Vygodskaya e Asya Vygodskaya. Após sua morte, Vygotsky foi aclamado como um dos principais pensadores marxistas de sua época. Ele foi enterrado no Novodevich'e Cemitério, em Moscou, um local de enterro para políticos, artistas, cientistas e líderes militares russos renomados, perdendo apenas para o prestígio soviético no Muro dos Heróis no Kremlin.

3. FILOSOFIA DE VYGOTSKY

Os autores Guilherme e Morgan (2018) afirmam que o foco de Vygotsky na contribuição da cultura, interação social e a dimensão histórica do desenvolvimento mental é claramente influenciado pelo marxismo. A fim de apreciar a influência do marxismo, ressaltam que, no entanto, é necessário distinguir entre a miscelânea de citações marxistas que se tornou marca registrada da chamada “psicologia marxista” e o uso da filosofia marxista e hegeliana. Assim, argumentam que Vygotsky rejeitou o marxismo como uma ideologia dogmática, buscando em Marx e Hegel uma teoria social da atividade humana colocada em oposição ao naturalismo e à receptividade passiva da tradição empirista.

Outra influência no pensamento de Vygotsky, destacada pelos autores, foi a de Ivan Pavlov (1849-1936), visto que a psicofisiologia pavloviana forneceu a base materialista para o estudo da mente. Vygotsky ficou impressionado com a psicologia pavloviana e, a princípio, concordou que as respostas condicionais (reações adquiridas) emergem de respostas incondicionais (reações inatas) e que o ambiente era um aspecto determinante desse desenvolvimento. A psicologia pavloviana foi uma grande influência sobre a psicologia russa e soviética e foi em grande parte indiscutível até logo após a Segunda Guerra Mundial. Contudo, Vygotsky desafiou a psicologia pavloviana muito antes,

quando passou a acreditar que a formação de reflexos condicionais não poderia explicar completamente o desenvolvimento dos processos mentais superiores como fala e resolução de problemas. O comportamento humano se distingue dos animais, em primeiro lugar, do aspecto da psicologia, por meio da significação, isto é, a criação e uso de sinais, como por exemplo, a fala. O behaviorismo de Pavlov, o condicionamento clássico e sua aprendizagem por associação, é, segundo Vygotsky, simplista demais para explicar níveis mais elevados de pensamento e aprendizado.

Refletindo sobre o processo, Vygotsky propôs que o desenvolvimento ocorre primeiro através da maturação orgânica, mas que também envolve compreender os mecanismos de pensamento e o comportamento culturalmente apropriado e condicionado, isto é, o desenvolvimento natural torna-se o desenvolvimento social. Funções primárias, como por exemplo, a atenção, a memória e a percepção, tornam-se funções superiores, dependendo da qualidade da interação e dos elementos sociais e culturais aos quais o sujeito é submetido. Por exemplo, nossa cultura depende da linguagem escrita para documentar e passar nossa cultura para a próxima geração, enquanto culturas mais primitivas confiam na linguagem oral, implicando o desenvolvimento de diferentes funções superiores.

Na internalização de processos histórico-culturais externos pelo indivíduo, a linguagem desempenha um papel crucial. A fala é um elemento sociocultural que atua na formação de processos mentais superiores. São as palavras e os signos que representam, que constituem o principal meio de contato entre o sujeito e o mundo social. Entretanto, esse processo de interação com o mundo externo começa a ser internalizado para que a criança comece a falar consigo mesma, especialmente ao tentar resolver problemas, ao planejar ações futuras. O discurso de uma criança é tão importante quanto o papel da ação para atingir o objetivo. As crianças não apenas falam sobre o que estão fazendo, mas fala e ação fazem parte de uma mesma e complexa função psicológica, direcionada para a solução do problema em questão. Quanto mais complexa a ação exigida pela situação, maior será a importância desempenhada pela fala na operação como um todo. Às vezes a fala se torna de importância tão vital que, se não for permitido usá-la, as crianças pequenas não podem realizar a tarefa dada.

Para Vygotsky, o fenômeno da fala começa como uma interação com os outros, o que ajuda no desenvolvimento da linguagem. Para os autores Guilherme e Morgan (2018), a fala é um diálogo que surge quando a criança procura outros para resolver problemas. No entanto, ela é internalizada quando a criança começa a encontrar suas próprias soluções. Isso geralmente aparece como falar para si mesmo, o que pode ser visto quando uma criança está brincando. Como tal, a fala é uma ferramenta para interação social, mas é também um instrumento semiótico para o pensamento. No entanto, à medida que envelhecemos, essa auto-fala diminui, tornando-se cada vez mais internalizada, e assume a forma de "fala interior". Essa "fala interior" nunca desaparece, é uma ferramenta para pensar, e sempre que encontramos atividades desconhecidas ou exigentes, essa fala privada ressurgue.

Os autores destacam que, para Vygotsky, a fala é extremamente importante tanto como um diálogo com os outros, como autodiálogo, fundamentais em função das implicações que eles têm para uma compreensão filosófica do humano e para a educação, considerando que os seres humanos, em razão de sua origem e natureza, não podem existir, nem desenvolver-se da maneira normal para suas espécies, individualmente. Ou seja, para uma criança se desenvolver, é necessário haver interação com os outros que a introduzirão em sua cultura, através de uma rede de relações. Essa interação, esse diálogo, entre a criança e os adultos, transfere ferramentas culturais e signos de uma geração para a seguinte e, nesse processo, tem um papel formativo crucial na organização e controle do comportamento e da consciência do indivíduo. Filosoficamente falando, Vygotsky argumenta que não há indivíduo sem comunidade. Consideramos agora as implicações disso para a educação.

4. EDUCAÇÃO

O pensamento de Vygotsky teve um impacto significativo na educação. Porém, para Guilherme e Morgan (2018), é possível identificar duas interpretações diferentes à teoria de Vygotsky. Uma das interpretações está relacionada à análise social das teorias de Vygotsky, defendida principalmente por aqueles que consideram o pensamento de Piaget e de Vygotsky como complementares, em sua maioria os pensadores americanos. Como exemplo, os

autores comentam, se por um lado Piaget estabeleceu como base teórica que a construção cumulativa e progressiva das estruturas mentais do conhecimento ocorre como resultado da interação da criança de forma individual com os objetos, por outro Vygotsky apresenta, por meio do seu conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP), a interação do sujeito com outros para que a construção do conhecimento seja possível.

A outra interpretação apresentada pelos autores consiste na ideia de que o objetivo primário de Vygotsky era entender o surgimento da consciência, o que significa que o papel das interações sociais deve ser entendido como um pano de fundo, nunca como um assunto principal. Essa perspectiva era a mais comum na França. Guilherme e Morgan (2018) consideram ainda que Vygotsky, por causa de sua breve carreira acadêmica, deixou para trás um considerável corpo de trabalho incipiente, e isso dá origem a diferentes interpretações. O debate entre essas escolas de pensamento tem implicações diretas para a educação, pois variam entre escolas que transmitem o conhecimento e por escolas que buscam reorganizar situações de aprendizagem para possibilitar que os alunos aprendam como agentes da própria aprendizagem, com as colaborações dos seus pares.

Deste modo, os autores acreditam que a escola francesa é mais cognitiva do que a escola anglo-saxônica, que é baseada na interação social. Portanto, a escola anglo-saxônica, com foco no conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP), retratou a integração dos outros na construção do conhecimento da criança e compreendeu o papel do professor no estímulo da criança e no apoio da criança na aquisição do conhecimento. Já a escola francesa tem foco na preocupação com o desenvolvimento do pensamento infantil como um processo de internalização de conceitos, para posterior exteriorização do pensamento na linguagem. Isso tem um profundo impacto nas funções cognitivas, bem como na capacidade de resolução de problemas do indivíduo.

Guilherme e Morgan (2018) afirmam que Vygotsky considerou que a transição do social para o indivíduo implica em uma transformação. Para explicar isso, ele elaborou os conceitos de internalização, de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) e de mediação - o famoso teórico do construtivismo aborda o ensino e a aprendizagem sob a perspectiva da teoria sociocultural e que deriva de três ideias fundamentais: o aluno é responsável por seu próprio processo de

aprendizado; o aluno que constrói seu conhecimento e não pode ser substituído nesta tarefa; os objetos são pré-existentes e aceitos como conhecimento cultural, isso muda o papel do professor, pois sua atuação não pode limitar-se apenas a criar as condições ideais para que os alunos realizem sua própria construção mental rica e diversa e sim gerenciar e orientar a atividade dos alunos de tal forma que eles compreendam progressivamente os significados e representações da cultura. Tal orientação ocorre através da Zona de Desenvolvimento Proximal, estabelecendo o que o aluno já sabe e o que deve ser aprendido com a ajuda do outro. Essa interpretação está desconectada do problema da transmissão do conhecimento acadêmico e torna a ZDP um espaço social onde as ações do professor e dos pares são interpretadas como uma atividade de compartilhamento que orienta a descoberta da criança do objeto do conhecimento. Assim, o foco em ambientes ricos de ensino demandam de respeito aos diferentes tempos de aprendizado dos alunos e a presença de um mediador nesta aprendizagem, um outro sujeito com mais conhecimento do assunto em questão.

Para os autores, o reconhecimento de que os alunos aprendem em velocidades diferentes, têm interesses diversos e possuem uma variedade de aptidões, tem implicações mais amplas ao se desvincular da universalização da razão na pesquisa educacional e das ciências sociais, portanto compreender professores e outros como aqueles agentes de ensino, ou até mesmo pais como simples facilitadores da aprendizagem da criança, é inconsistente com o trabalho de Vygotsky, especialmente considerando que ele desenvolveu suas teorias à luz de seu trabalho com crianças com necessidades educacionais especiais. Ensinar e aprender devem ser um empreendimento compartilhado entre professor e aluno. Ambos, usando conteúdo pertinente apropriado, são responsáveis pelo processo. Isso não significa uma perfeita simetria entre eles, pois o professor e o aluno desempenham papéis diferentes, embora sejam entendidos como iguais e essencialmente e totalmente interconectados. Há uma troca de conhecimento porque o aluno, assim como o professor, pode ser o outro com mais conhecimento em certos casos, seja em aspectos da vida profissional e seja na história da vida pessoal, conforme cada situação.

Como ponto alto do capítulo, pode-se afirmar a relação que os autores estabelecem entre o diálogo e a teoria de Vygotsky. Se a experiência serve como

base para novos conhecimentos e é obtida através da mediação de um outro com mais conhecimento, por meio da Zona de Desenvolvimento Proximal, a base para tal mediação é o diálogo. Para os autores, a principal responsabilidade do educador é ser um filtro do mundo para o aluno, que transcende a ideia do simples processamento, da transmissão e do armazenamento de informações. Isso significa que no diálogo pedagógico deve haver assimetria intrínseca. Ser um filtro significa permitir o fluxo de certos tipos de interação com o mundo e desestimular os outros ao mesmo tempo. Enquanto o aluno procura, tanto quanto possível, a experiência do mundo sem quaisquer limites, o educador esforça-se para selecionar experiências.

Portanto, o ensino e a aprendizagem devem capacitar os alunos a realizarem a tarefa que eles não teriam conseguido administrar sozinhos, tendo como objetivo levar o aprendiz a um estado de competência que lhes permita, por fim, concluir essa tarefa por conta própria, sendo seguido por evidências de que os alunos alcançaram algum nível maior de competência. Essa caracterização dos níveis nos ajuda a entender melhor a ZDP de Vygotsky e demonstra a importância do diálogo, tanto externo (ou seja, com os outros) quanto interno (isto é, fala interior, consigo mesmo), para o sucesso do ensino e da aprendizagem e, conseqüentemente, para o aprendizado e para a transformação do indivíduo e da sociedade.

Para Guilherme e Morgan (2018), a teoria de Vygotsky perpetua a ideia de ensinar como uma forma de construção de estratégias para a resolução dos problemas, enquanto que o aluno assume etapas envolvidas na solução, com o papel de apoio do professor cada vez menos importante, na medida em que o aluno se torna mais proficiente na solução de um problema específico ou na execução de uma tarefa. Os autores reforçam ainda que a pedagogia nunca é e nunca foi politicamente indiferente, pois, voluntária ou involuntariamente, através de seu próprio trabalho na psique, sempre adotou um padrão social particular, linha política, de acordo com a classe social dominante que orientou os seus interesses. Deste modo, o próprio processo de formação de ideias educacionais é influenciado por processos culturais e históricos, assim como o processo de desenvolvimento da criança, de sua aprendizagem, é influenciado por tais processos. Portanto, não é surpreendente, para os autores, que Vygotsky tenha

tido lido de maneira diferente em diferentes partes do mundo, compreendido de diferentes formas, em contextos distintos.

Referências Bibliográficas

GUILHERME, Alexandre. MORGAN, W. John. **Philosophy, Dialogue, and Education: Nine Modern European Philosophers**. NY: Routledge, 2018.